

esfenófitas e filicíneas que, no entanto, também escasseiam no terço superior da formação, provavelmente devido à instalação de clima mais seco. — (8 de dezembro de 1992).

* Pesquisa realizada com o auxílio financeiro da FAPESP (Proc. 89/3434-0).

PALINOLOGIA DOS CARVÕES PALEOZOÍCOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. II – O CARVÃO DE MONTE MOR*

PAULO ALVES DE SOUZA^{1,2},
MURILO RODOLFO DE LIMA² E
ANTONIO ROBERTO SAAD³

Credenciado por A. C. ROCHA-CAMPOS

¹ Instituto Geológico da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Av. Miguel Stéfano, 3900 – 04301-903 São Paulo, SP.

² Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, Instituto de Geociências, USP. C.P. 20899, 01498-970 São Paulo, SP.

³ IGCE-UNESP. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, C.P. 178, 13500 Rio Claro, SP.

Os níveis de carvão de Monte Mor, Buri e Cerquilha, presentes no Subgrupo Itararé no estado de São Paulo, são possuidores, junto com os sedimentos associados, de grande quantidade de megarrestos vegetais que, ao longo do tempo, têm sido objeto de inúmeros estudos, cujos resultados os têm posicionado, do mais velho para o mais novo, na ordem acima apresentada.

Quarenta e um taxa foram identificados nas associações presentes em amostras de carvão e siltito carbonoso de Monte Mor. Dentre estes, a presença dos gêneros *Plicatipollenites* Lele 1964 e *Potonieisporites* Bhardwaj 1954 permite seu enquadramento, grosso modo, no intervalo bioestratigráfico G-H₁ de Daemon & Quadros (Cong. Bras. Geol., 24, An..., 1970, p. 359-412), com idade compreendida entre o Estefaniano C (topo do Carbonífero) e o Sakmariiano (base do Permiano). Uma idade permiana pode ser descartada devido à baixa diversidade e percentagem de grãos de pólen estriados na associação. Deve ser ressaltado que, comparativamente, o carvão de Monte Mor é então mais jovem que o de Buri, modificando conseqüentemente pontos de vista firmemente estabelecidos na literatura.

Do ponto de vista paleoambiental, a presença de elementos do paleomicroplâncton (acritarcas) sugere que

a deposição se deu em ambiente transicional, o que se encontra de acordo com a idéia de formação dos carvões em lobos deltaicos, já aventada para os níveis estudados. — (8 de dezembro de 1992).

* Projeto realizado sob os auspícios da FAPESP (processo nº 89/0162-0).

ESTROMATÓLITOS COMO CLASTOS NO DIAMICTITO DA FORMAÇÃO JEQUITAI (900 Ma), MINAS GERAIS, BRASIL

THOMAS R. FAIRCHILD¹, ROLAND TROMPETTE² E
ALEXANDRE UHLEIN³

Credenciado por A. C. ROCHA-CAMPOS

¹ Instituto de Geociências, USP.

² ORSTOM/CNRS.

³ Departamento de Geologia, UFMG.

Estromatólitos ocorrem como clastos no diamictito da Formação Jequitai (Supergrupo São Francisco, Neoproterozóico) na BR-365, próximo a Jequitai, MG. Conhecidos de um calhau de 15 cm (dimensão maior) e de um seixo de 4 cm, os estromatólitos têm em comum: hábito colunar, diâmetro (1-3 cm), laminação moderadamente convexa, assinatura diagenética (recristalização incipiente, pirita), cor cinza e reação fraca a moderada a ácido diluído. A laminação no seixo foi obliterada, em parte, por silicificação secundária. No calhau, as colunas apresentam alturas de até 14 cm, ramificação divergente e, localmente, ligeira expansão para o topo.

O paraconglomerado contendo os clastos tem, no mínimo, 6 m de espessura. Exibe acamamento apenas incipiente, matriz heterogranular e baixa porcentagem de seixos e de clastos maiores. Parece ter-se formado por fluxo de massa subaquático, associado ao primeiro de dois episódios glaciais que ocorreram no Brasil entre 900 e 600 Ma atrás.

As semelhanças entre os estromatólitos sugerem uma origem comum para os dois clastos. Possíveis fontes dos estromatólitos ocorrem a 130-140 km a SE do local, na Serra do Espinhaço, na base do Grupo Macaúbas, crono-equivalente da Formação Jequitai, e a 250 km a O, na Faixa Brasília, entre Lagamar e Paracatu, MG, em rochas mesoproterozóicas do Grupo Paranoá e equivalentes. Embora marcas feitas pelas geleiras e o arranjo faciológico dos sedimentos

glacigênicos indiquem transporte de O para E, talvez favorecendo a segunda possibilidade, é bem possível que outras fontes, bem mais próximas, estejam escondidas debaixo das extensas coberturas pós-Jequitai na região da descoberta. — (8 de dezembro de 1992).

OS GRANDES DIAMANTES DA REGIÃO DE COROMANDEL E O PROBLEMA DA ORIGEM DESSA GEMA NO OESTE MINEIRO*

DARCY P. SVISERO

Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo.

Embora o diamante da região oeste de Minas Gerais esteja sendo garimpado desde o início do século passado, suas fontes primárias continuam desconhecidas até o momento. Progressos significativos foram obtidos pelos trabalhos de prospecção executados nas duas últimas décadas por empresas de mineração e conduziram à descoberta de dezenas de intrusões sobre as quais faltam dados geológicos e petroquímicos. Na falta desses dados, essas intrusões vêm sendo referidas pelas denominações de kimberlitos, lampróitos, kamafugitos e/ou kimberlitóides.

Com relação ao diamante, as informações veiculadas são de que todas as intrusões amostradas e lavadas pelas companhias de mineração são estéreis. A nosso ver, o assunto é de fato complexo mas dois fatos consubstanciam a hipótese de fontes primárias na região. O primeiro é a distribuição regional de um conglomerado diamantífero na base do Grupo Bauru contendo, entre os minerais pesados, fases de filiação kimberlítica tais como: piropo cromífero, ilmenita magnesiana e cromioespinélio. Parece claro que esses minerais não sobreviveriam ao transporte prolongado caso suas fontes estivessem fora da área, como admitem certos autores. O segundo fato, que reforça a idéia de fontes primárias locais, são os achados periódicos de diamantes com pesos acima de 100 quilates. Tais achados vêm se processando com regularidade desde o início do século passado, sobretudo nas imediações de Estrela do Sul, Coromandel, Carmo do Paranaíba e Abaeté. Considerando que o diamante possui clivagem perfeita, parece pouco provável que exemplares com várias dezenas ou mesmo centenas de quilates, pudessem sobreviver intactos a transporte prolongado antes de alcançar os locais das ocorrências atuais.

Creemos que as fontes primárias estão na região; elas tanto podem ser kimberlitos e/ou lampróitos convencionais, como também fontes não convencionais kamafugíticas ainda desconhecidas, ou até mesmo alguma categoria nova de rocha como a intrusão da Fazenda Limeira, Monte Carmelo (MG), cuja natureza não está totalmente esclarecida. — (8 de dezembro de 1992).

*Apoio FAPESP e CNPq.

A IMPORTÂNCIA BIOESTRATIGRÁFICA DOS ELEMENTOS FLORÍSTICOS (MEGA E MICROFLORAS) DA LOCALIDADE DO RIACHO DO RONCADOR, FORMAÇÃO POTI, PIAUÍ*

ROBERTO IANNUZZI^{1**},

ROBERTO FERREIRA DAEMON^{2***} E

PAULO ALVES DE SOUZA^{1****}

¹ Instituto de Geociências, USP, C.P. 20899, 01498-970 São Paulo, SP.

² NEXPAR-PETROBRÁS, R. Padre Camargo, 285, 80060-240 Curitiba, PR.

Os elementos megafiorísticos coletados em estratos da Formação Poti, na localidade do Riacho do Roncador, Piauí, foram descritos pela primeira vez por Dolianiti (*An. Acad. bras. Ciênc.*, 1980, 52(1): 165-169) sob a designação de *Rhacopteris* sp. e *Triphylopteris alvaro-albertoi* Dolianiti, 1954. Tais elementos foram assinalados como componentes da "Flora da Formação Poti", a qual, a partir do trabalho de Dolianiti (Div. Geol. Min., Bol. 148, 1954, p. 7-55), foi atribuída ao Carbonífero Inferior. Posteriormente, diversos autores ratificaram tal idade para a flora e sedimentos da Formação Poti.

Cesari (*Anal. Acad. Nac. Ex. Fis. Nat.*, 1986, 38: 111-137) sinonimizou, com base apenas na literatura, o mesmo material descrito por Dolianiti (1980) a *Nothorhacopteris argentinica* Archangelsky, 1983 e *Fedekurtzia argentina* Archangelsky, 1981; formas cuja distribuição na Argentina é considerada como do Carbonífero Médio ao Superior. Apoiados nesta nova taxonomia, Sessarego & Cesari (*Rev. Paleobot. Palyn.*, 1989, 57: 247-264), entre outros, passaram a indicar uma idade correspondente ao Carbonífero Médio para a "Flora da Formação Poti".